



**O Retorno Impossível: Charles Darwin e a Escravidão no Brasil**  
The Impossible Return: Charles Darwin and the Slavery in Brazil

Antonio Carlos Sequeira Fernandes<sup>1</sup> & Vera Lucia Martins de Moraes<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Geologia e Paleontologia, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ.  
E-mail: fernande@acd.ufrj.br Bolsista do CNPq.

<sup>2</sup> Curso de História, Área de Ciências Humanas, Universidade Veiga de Almeida, Campus Tijuca,  
Rua Ibituruna, nº 108, Maracanã, 22471-970, Rio de Janeiro, RJ.  
E-mail: vemaka@terra.com.br

Recebido em: 27/04/2008 Aprovado em: 10/06/2008

**Resumo**

A passagem de viajantes naturalistas e de artistas estrangeiros pelo Brasil, tanto em sua fase colonial como na imperial, muito enriqueceu o conteúdo de informações sobre o país. Charles Darwin foi um desses viajantes que, com uma abordagem simples e objetiva, contribuiu para esse conhecimento ressaltando, a exemplo dos demais e com ênfase acentuada, a exuberância de nossa fauna e de nossa flora. Ao contrário de boa parte dos viajantes, entretanto, pouco aludiu aos problemas políticos e sociais da terra que visitava. De seus principais textos e correspondências podem se extrair poucas, mas não menos úteis, observações a esse respeito; entre elas, Darwin ressaltou a situação escravista brasileira, enfatizando os maus tratos a que eram submetidos os cativos, em particular na cidade do Rio de Janeiro. Com um breve relato dos principais aspectos de suas origens e da passagem de Darwin pelo Brasil, este trabalho tece considerações sobre o tratamento reservado aos escravos nas primeiras décadas do século XIX, relacionadas às considerações por ele assinaladas e ao sentimento negativo que o levaria a nunca mais querer retornar ao país que tanto elogiou pelas suas belezas naturais.

**Palavras-chave:** Charles Darwin; Escravidão

**Abstract**

The presence of traveling naturalists and foreign artists in Brazil, both in its colonial period and in the imperial period, largely enriched the amount of information available about the country. Charles Darwin was one of those travelers who, with a simple and objective approach, contributed to this knowledge by pointing out the exuberance of our flora and fauna just like the others had done and more emphatically. Unlike many travelers, however, he scarcely referred to the political and social issues of the land he visited. From his main texts and correspondence one can obtain little but not less useful remarks about that; worthy of note is Darwin's pointing out the situation of slavery in Brazil, emphasizing the ill-treatment that captives were subjected to, particularly in Rio de Janeiro. With a brief report on the main aspects of its origins and on the presence of Darwin in Brazil, this paper studies the treatment given to the slaves in the first decades of the 19th century taking into account his reports and the negative feeling that would lead him never to want to come back to the country whose natural beauty he had praised so much.

**Keywords:** Charles Darwin; Slavery

## **1 Introdução**

Através dos olhares acurados, e fascinados com as belezas e características da nova terra que visitavam, viajantes e cronistas estrangeiros da primeira metade do século XIX teceram inúmeras considerações e fartas descrições que resultaram numa rica fonte de informações sobre a cidade do Rio de Janeiro, particularmente os relacionados à natureza, auxiliando na reconstituição de seu passado. Charles Darwin foi um desses viajantes que por aqui passaram, relatando brevemente, com os olhos de um naturalista, as belezas naturais da terra que pela primeira vez pisava. E assim o fez, através de seu diário e das cartas que remetia a seus parentes e professores na longínqua Inglaterra.

A leitura de um diário, em particular, traduz as expectativas, desejos e sentimentos dos momentos de uma vida. Pode-se aventurar a dizer que o diário de um naturalista, longe da terra natal e imerso em uma realidade muito diversa daquela até então por ele vivida, possibilita até mesmo o resgate de sua sensibilidade e sua alma. Seria este o caso de Charles Darwin ao relatar em seu diário suas experiências e sentimentos quando de suas duas passagens pelas costas brasileiras.

Transcorria então a terceira década do século XIX. Em duas ocasiões, a primeira em 1832, ao início de sua longa viagem, e a segunda em 1836, quando da etapa final de seu retorno à Inglaterra, o ainda iniciante cientista deixaria registradas suas impressões sobre as cidades e seus arredores, bem como breves comentários sobre a situação política reinante e a escravidão, revelando tratar-se de um grande humanista. Por outro lado, as observações feitas durante sua estadia lhe auxiliariam a compreender as interações entre os seres vivos e as modificações do mundo orgânico no transcorrer do tempo geológico, transformando-o no mais importante naturalista contemporâneo. Mas se por um lado encontrava-se maravilhado com a natureza, por outro nutria um sentimento negativo pelo país em função do sistema escravista que aqui vigorava: um sentimento que certamente o acompanhou até a morte, em 1882.

Apresentar um breve relato sobre a passagem de Charles Darwin pelo Brasil, com suas observações sobre a fauna e a flora do país, o aspecto político reinante e as condições de maus tratos dos escravos,

são os pontos de partida para uma envolvente, embora curta, análise sobre a situação escravista, particularmente no Rio de Janeiro, cidade onde por mais tempo permaneceu. Numa análise simplista, objetiva-se o desenvolvimento uma interpretação dos fatos e suas possíveis influências sobre Darwin.

## **2 O Contexto Europeu no Século XIX**

As ciências naturais sofreram grandes modificações a partir da segunda metade do século XVIII. Até então, o texto bíblico e o empirismo dominavam os conceitos e o conteúdo das publicações que procuravam explicar o mundo orgânico e sua diversidade. O conceito comum entre as religiões era a de um mundo estático, imutável após a Criação.

Alguns cientistas iriam a partir de então contribuir profundamente para os novos postulados científicos. Na química, o trabalho de Antoine Laurent de Lavoisier reconhecera a dinâmica da natureza, e a contínua mudança e transformação do universo inorgânico. Na filosofia, Emmanuel Kant e Georges Louis Leclerc, conde de Buffon, vislumbraram uma origem para a Terra e o sistema solar através de explicações cosmogônicas. Jean Baptiste de Lamarck contribuiria para o reconhecimento das modificações dos organismos, demonstrando a possibilidade de transformação dos seres vivos.

Estes novos conceitos eram conflitantes com os ensinamentos religiosos, os quais relegavam a criação divina para um plano secundário. Todo poder de criação, destruição e transformação, passava a ser concedido aos próprios agentes da natureza. O divino aproximava-se do profano, e assim a própria existência humana passava por amplos questionamentos filosóficos.

A observação dos fenômenos naturais era o ponto de partida para as hipóteses e teorias científicas, mesmo que objetivassem a comprovação de uma criação divina para os seres vivos. Assim é que surgiu o excelente trabalho de Georges Cuvier, anatomista e paleontólogo francês (1769-1832), cujos estudos da anatomia dos vertebrados foram meticolosos e de grande rigor científico, fatores que lhe deram credibilidade acadêmica. Com a descoberta de fósseis de invertebrados e vertebrados de diferentes idades na bacia de Paris, Georges Cuvier organizou exposições e popularizou a paleontologia.

Sua explicação para a ocorrência de animais que não mais existiam na região parisiense, seriam catástrofes causadas por Deus, na sua busca da perfeição para os seres vivos. Apesar da interpretação ser questionável, a observação e a descrição dos dados eram a base para a formulação da teoria do Catastrofismo. Deste modo, a dimensão do tempo de existência das coisas inorgânicas e orgânicas passava por reavaliação. As ações de modificação dos agentes naturais, tais como os mares e os ventos, modelando a superfície da Terra, eram o cerne dos trabalhos de Charles Lyell, geólogo escocês (1797-1875), cuja síntese de seus estudos encontra-se em sua obra *Princípios de Geologia* publicado em 1830. Um mundo criado em sete dias não explicaria a diversidade biológica e a dinâmica dos processos naturais atuantes na Terra. As idéias de Charles Lyell foram um contraponto ao Catastrofismo, estabelecendo uma nova visão para a história da Terra (Hallam, 1992; Rudwick, 1985).

Charles Darwin iniciou seus estudos neste universo de idéias. A observação e a experimentação nas ciências naturais dominavam como procedimentos metodológicos. O progresso era a tônica no meio intelectual e no sistema produtivo, culminando com a revolução industrial que modificaria para sempre as relações humanas e a própria compreensão do tempo e das distâncias geográficas.

Nas primeiras décadas do século XIX, a Inglaterra já se encontrava mergulhada no processo de rápida industrialização e do aumento das concentrações urbanas. As modificações do sistema de produção, da distribuição de riquezas e das relações sociais, conduziram à inúmeros avanços tecnológicos e do descobrimento científico (Bresciani, 1982). Arelado ao rápido desenvolvimento industrial e crescimento urbano, temos a degradação da qualidade de vida da população operária. A excessiva jornada de trabalho, a moradia afastada das fábricas, as péssimas condições de saneamento e o salário extorsivo levaram à organização dos primeiros sindicatos e das reivindicações sociais. De maneira similar à indústria, a produção de alimentos de origem animal também passava por rápidas transformações, em especial no que se refere à melhoria dos animais domésticos, com o cruzamento seletivo (seleção artificial) gerando novas raças capazes de produzir mais carne, leite e lã. Porém, não havia o acompanhamento da expansão industrial pela agricultura. Esta entrava em decadência, com a diminuição dos campos cultivados devido ao

avanço industrial. Os países fora do contexto europeu passaram então a ser considerados como os novos mercados para os excedentes dos materiais industrializados. Ademais, a baixa produção da agricultura na Europa transformava a América, África e Ásia, áreas com potencial para a agricultura e como fornecedoras de matérias-primas. Assim, durante o século XIX, a Inglaterra vitoriana amplia seus mercados através da política colonialista, mas anti-escravagista, em busca de uma prosperidade contínua.

A formação intelectual de Darwin transcorre neste contexto de grande efervescência econômica, aliada às inovações tecnológicas e culturais. O surgimento das ferrovias, dos navios à vapor, do uso da eletricidade, transformavam seu mundo, dando ao homem uma dimensão de supremacia e controle da natureza.

Um fator marcante da revolução industrial que então ocorria na Inglaterra era a diminuição do tempo entre a produção, distribuição e consumo. O incremento da industrialização levava ao consumo crescente da exploração de recursos minerais, tais como o carvão e o ferro. Tal expansão da produção inglesa teve como resultado a formação de grandes companhias de navegação destinadas ao transporte de mercadorias para o mercado internacional. Paralelamente, o governo inglês investia no levantamento cartográfico do litoral dos vários países que representavam importantes mercados consumidores. Darwin embarcaria em um desses navios, o H.M.S. Beagle.

### **3 O Naturalista Charles Darwin**

Charles Robert Darwin nasceu em 12 de fevereiro de 1809 em uma bela residência localizada em Shrewsbury, nos subúrbios de Londres, conhecida como “The Mount”, nome que recebeu pelo fato de estar situada no topo de uma colina conhecida pelo mesmo nome. Charles era o quinto filho de uma família com seis irmãos e seu destino, a exemplo de seu avô e de seu pai, teria sido abraçar a medicina, dando continuidade à prática tão lucrativa e responsável pela excelente situação da família.

Seu avô, Erasmus Darwin, tinha sido um médico respeitado na Inglaterra, com vários livros publicados sobre medicina, filosofia natural e poesia.

Dos três filhos que teve com Mary Howard, Charles, Erasmus e Robert, foi o primeiro o escolhido para a seguir os passos do pai na medicina. Entretanto, em virtude de um acidente durante uma dissecação, Charles morreu em decorrência de uma infecção. O Dr. Erasmus decidiu então que Robert, o mais novo, deveria seguir a carreira médica, escolha que deve ter afetado o irmão Erasmus, que terminou por suicidar-se por afogamento. Foi assim então que o pai de Charles Darwin, apesar da sua aversão ao sangue, também abraçou a medicina.

Robert Waring Darwin tornou-se um bom médico, herdando do pai sua fortuna, e casou-se com Susannah Wedgwood, com quem teve seis filhos, quatro meninas e dois meninos. Com o intuito de dar continuidade à tradição familiar, Robert encaminhou os dois filhos, inicialmente Erasmus, e mais tarde Charles, à faculdade de medicina na Universidade de Edimburgo, que Charles frequentou entre os 16 e 18 anos. Foi nesta época que Charles teve seus primeiros ensinamentos sobre geologia com as aulas de James Robertson, as quais achava bastante tediosas. Sua natureza, entretanto, acabou se revelando, pois sua aversão ao sangue era maior que a de seu pai, e terminou por não resistir a visualização de duas operações realizadas sem anestesia, uma das quais realizada em uma criança. Retirou-se e não mais voltou. Após seu retorno a Shrewsbury e atendendo a seu desejo, seu pai então o enviou para o Christ's College em Cambridge para estudar Teologia.

Durante o tempo que ficou em Cambridge, Darwin teve aulas sobre diversos aspectos da natureza, interessando-se principalmente pela entomologia. Entre seus professores encontrava-se John Stevens Henslow, ex-professor de mineralogia e catedrático de botânica da Universidade de Cambridge, com o qual fez amizade e frequentava as reuniões que o professor realizava em casa. Henslow o recomendou a Adam Sedgwick, também professor da mesma universidade, para que o levasse em uma expedição de geologia; afinal, após formar-se no início de 1831, Darwin teria que passar por dois anos de “residência”, antes de ser ordenado na catedral de Hereford, não muito longe de sua residência, e nesse meio tempo poderia aproveitar para desempenhar outras atividades. A excursão, realizada no norte do País de Gales em meados de 1831, e sob a orientação de um dos mais conhecidos geólogos da época, permitiu a Darwin aprimorar seus conhecimentos

rudimentares de geologia, aprendendo, entre outras coisas, a identificação e a ordenação das camadas.

No início do século XIX, as ciências naturais passaram a ser motivo de interesse de cientistas europeus. A perspectiva da descoberta de metais nobres e da busca de exemplares incomuns da fauna e flora tropicais trouxe ao Brasil, especialmente a partir de 1816, cientistas e artistas que documentaram e estudaram os aspectos de nossa organização social, flora e fauna. Aliada aos interesses estritamente econômicos, encontrava-se a cartografia, atividade de grande importância para a segurança do transporte executado pelos navios comerciais. Era comum que os navios ingleses encarregados de elaborar cartas náuticas e de detalhamentos do litoral, tivessem naturalistas embarcados, cuja principal função era a coleta de espécimens para instituições universitárias da Inglaterra. Darwin seria um deles.

Ao retornar da excursão ocorreram novos fatos que mudariam totalmente o rumo da vida de Darwin. O capitão Robert Fitzroy havia solicitado a George Peacock, professor de matemática do Trinity College, a recomendação de um nome para acompanhar uma expedição, como naturalista, ao extremo sul da América, atingindo a Terra do Fogo e seguindo depois para as ilhas dos mares do sul, quando então retornariam à Inglaterra. Peacock, então, em carta datada de 6 ou 13 de agosto de 1831, pediu a Henslow a indicação de um nome.

Ao chegar em casa, havia duas cartas a espera de Darwin, uma de Henslow e, outra, de Peacock. Na primeira, datada de 24 de agosto de 1831, Henslow lhe comunicava ter indicado seu nome a Peacock para, na qualidade de naturalista, acompanhar o comandante Fitzroy na referida expedição: “... *I have been asked by Peacock who will read & forward this to you from London to recommend him a naturalist as companion to Capt. Fitzroy employed by Government to survey the S. extremity of America. I have stated that I consider you to be the best qualified person I know of who is likely to undertake such a situation. I state this not on the supposition of you being a finished naturalist, but as amply qualified for collecting, observing, & noting any thing worthy to be noted in Natural History.*” (Burkhardt & Smith, 1989, p. 128-129). Complementando, Henslow lhe avisou que a previsão da viagem seria de dois anos e sua resposta teria de ser imediata, pois deveriam partir daí a aproximadamente um mês, em 25 de setembro.

Na outra carta recebida por Darwin, datada de 26 de agosto, Peacock lhe comunicou ter recebido a de Henslow a recomendação de seu nome e o fato de já o ter repassado ao comandante Francis Beauford, do Departamento de Hidrografia do Almirantado: *"I received Henslow's letter last night too late to forward it to you by the post, a circumstance which I do not regret, as it has given me na opportunity of seeing Capitain Beaufort at the admiralty (the Hydrographer) & of staing to him the offer which I have to make to you: he entirely approves of it & you may consider the situation as at your absolute disposal: I trust that you will accept it as it is an opportunity which should not be lost & I look forward with great interest to the benefit which our collections of natural history may receive from your labors."* (Burkhardt & Smith, 1989, p. 129). Recomendava pressa em sua resposta que deveria ser encaminhada ao comandante Beauford, seu velho amigo.

Na ocasião de seu embarque em dezembro de 1831, Darwin era um naturalista iniciante. Sua finalidade seria a observação e coleta de exemplares da fauna e flora, além de dados geológicos, tais como rochas e fósseis, que seriam levados para a Universidade de Cambridge. A grande chance de Darwin de participar de uma volta ao mundo como naturalista a bordo de um navio da marinha real britânica está ligada aos fatos ocorridos poucos anos antes da designação de Fitzroy como comandante do Beagle. Fitzroy encontrava-se no Rio de Janeiro, em outubro de 1828, quando recebeu a incumbência de assumir o comando do Beagle devido ao suicídio de seu comandante, o capitão Pringle Stokes. O Beagle encontrava-se desde 1826 explorando a costa sul-americana do Rio de Janeiro ao cabo Horn e, ao longo da costa chilena, até Chiloe, quando, no estreito de Magalhães, o capitão Stokes suicidou-se devido a uma "crise de melancolia". Sua tripulação o levou então a Montevidéu, onde Fitzroy assumiu seu comando. O novo comandante deu então continuidade aos trabalhos de exploração, conduzindo novamente o Beagle ao estreito de Magalhães, junto à Terra do Fogo. Com a idéia de educar um dos nativos locais, Fitzroy trouxe para bordo um adolescente que o acompanharia no seu retorno à Inglaterra. A este juntaram-se outros três, capturados por Fitzroy para servirem de barganha para a devolução de um dos botes do navio, roubado pelos nativos locais. Entretanto, ventos fortes forçaram-no a levantar âncora, antecipando assim seu retorno à Inglaterra, não sem a promessa de, numa próxima viagem, trazê-los de volta a sua terra natal.

Apesar da recessão que atingia a Inglaterra, o Beagle novamente recebeu a incumbência de se lançar ao mar para as explorações de mapeamento costeiro de diversos continentes, resultado da pretensão da Grã-Bretanha de, através de sua frota, dominar o mundo. Fitzroy, novamente designado para assumir seu comando, tendo percebido já na primeira viagem a oportunidade de serem realizadas outras observações científicas, principalmente nas áreas da zoologia e da geologia, conseguiu convencer o comandante Beauford a designar um naturalista para a viagem. Beauford então consultou Peacock, que por sua vez consultou Henslow, que recomendou Darwin, finalmente aceito por Fitzroy.

#### 4 A Viagem do Beagle

O H.M.S. Beagle foi construído no Woolwich Naval Dockyard e lançado ao mar em 11 de maio de 1820, ficando então a serviço da marinha real. Com um convés com 98 pés de comprimento, tinha três mastros e vinte e quatro velas, e deslocava cerca de 240 toneladas. Apesar de seu tamanho, na viagem a ser realizada levava uma tripulação de setenta e quatro pessoas: o capitão Fitzroy, vinte e quatro oficiais responsáveis pela organização e pelos trabalhos de pesquisa, e trinta e quatro marinheiros. Além desses encontravam-se nove passageiros adicionais conhecidos como supernumerários, nome dado àqueles que não recebiam salários e sobre os quais o Almirantado não se responsabilizava: Charles Darwin, naturalista, Augustus Earle, artista, George James Stebbing, instrumentador e responsável pelos cronômetros destinados a determinar acuradamente as longitudes das localidades visitadas, Richard Matthews, os três nativos da Terra do Fogo (dos quatro levados para a Inglaterra, um morreu de varíola logo após a chegada), um ajudante do capitão e outro de Darwin.

As pequenas dimensões de seus compartimentos impressionaram Darwin, acostumado aos amplos aposentos de sua residência em Shrewsbury. No convés havia sete barcos, dos quais três baleeiras que muito se tornariam úteis durante a viagem. Não possuía os confortos das embarcações modernas (Campbell, 1997). Sem motor, dependia do vento para singrar os mares, sendo rebocado pelas baleeiras nas situações de calmaria. Sem eletricidade, não existiam lâmpadas, frigoríficos ou equipamentos modernos de comunicação; a iluminação era feita por lâmpadas à óleo, a carne era preservada no sal ou nos

recém lançados jarros de Kilner, e as comunicações com a Inglaterra dependiam do envio e recebimento da correspondência nos portos de parada. A água, freqüentemente racionada e armazenada em tanques de ferro, limitava quase sempre o seu tempo de permanência no mar, ao contrário das embarcações modernas, dotadas de dessalinizadores. Para combater o escorbuto, a grande praga dos navios que por muito tempo permaneciam nos mares, picles, maçãs secas e suco de limão.

A viagem, então programada para sair em fins de setembro, terminou por sofrer adiamentos, face às diversas reformas que se tornaram necessárias no navio após a sua viagem anterior às costas sul-americanas. Nesse período Darwin adquiriu obras que o acompanhariam na viagem; mas foi do comandante Fitzroy que Darwin ganhou a obra que mais o impressionou, Princípios de Geologia, de Charles Lyell, a qual leu com voracidade. No início de dezembro, o Beagle estava pronto para a partida, mas o mal tempo impediu sua saída que se prolongou inclusive durante o Natal. Finalmente, às onze horas do dia 27 de dezembro, deixou o porto de Plymouth.

Teve assim início a viagem de Charles Darwin que durou cinco anos, três a mais do que lhe foi inicialmente acenado por Henslow. A viagem do Beagle, então iniciada no final de 1831, somente terminou em 2 de outubro de 1836, quando finalmente ancorou em Falmouth, no seu retorno à Inglaterra. No seu trajeto ocorreram duas passagens pelo Brasil. Na primeira, em 1832, a passagem pelos rochedos de São Pedro e São Paulo, uma breve parada na ilha de Fernando de Noronha, uma estadia em Salvador e a sua maior permanência no Rio de Janeiro, antes de seguir viagem para Montevidéu, no Uruguai. Na segunda, já em 1836, uma rápida visita ao litoral da Bahia e uma curta estadia em Recife antes de seu retorno à Inglaterra. Essas passagens são brevemente descritas, com especial atenção aos comentários feitos por Darwin a algumas das características das localidades visitadas e à escravidão no Brasil.

Mary C. Karasch, historiadora inglesa e estudiosa da escravidão no Brasil, enfatizou a fascinação que a beleza natural da cidade do Rio de Janeiro exercia nos viajantes estrangeiros que a ela chegavam durante o século XIX. Mas outros aspectos da vida carioca também impressionavam os viajantes, fossem eles artistas ou naturalistas, que os retratavam em suas obras, como os aspectos políticos

e sociais da jovem nação brasileira e, entre eles, a escravidão. Desse modo, a literatura dos viajantes no período correspondente à primeira metade do século XIX constituiu-se em fonte valiosa sobre o tema, particularmente na cidade do Rio de Janeiro (Karasch, 2000).

Ao contrário dos registros feitos por inúmeros outros viajantes, Darwin não chegou a fazer nenhum estudo profundo sobre a escravidão brasileira. A maioria das informações em seu diário restringem-se às observações sobre a fauna e a flora das localidades visitadas. Entretanto, permeando seu texto, Darwin permitiu-se algumas considerações sobre o péssimo tratamento dado aos escravos, algumas delas resultantes de seu próprio testemunho. Suas notas sobre a escravidão são intercaladas aos vários outros comentários elogiosos às belezas de nossa terra, demonstrando tanto o seu lado humanístico como o seu atento olhar de naturalista.

## 5 Dos Rochedos São Pedro e São Paulo a Salvador

Os primeiros contatos de Darwin com o território brasileiro deram-se em fevereiro de 1832. Vindo das ilhas de Cabo Verde, o Beagle chegou aos rochedos de São Pedro e São Paulo na manhã do dia 16, resultando nas primeiras observações de Darwin sobre sua constituição geológica, a parca vegetação marinha e as aves que os habitavam. Sobre esta passagem, além das anotações em seu diário, em carta de 1º de março de 1832 descreveria ao pai sua experiência: “(...) *About 50 miles North of the line, we touched at the rocks of St Paul. – this little speck (about ¼ of a mile across) in the atlantic, has seldom been visited. – It is totally barren, but is covered by hosts of birds. – they were so unused to men that we found we could kill plenty with stones & sticks. – After some hours on the island, we returned on board with the boat loaded with our prey. – From this we went to Fernando Noronha, (...).*” (Burkhardt e Smith, 1989, p. 203).

Zarpou então o Beagle ainda de dia em direção à ilha de Fernando de Noronha, no arquipélago de mesmo nome, ali chegando no dia 20, onde permaneceu por algumas horas. Além das poucas observações em seu diário sobre o caráter vulcânico da ilha, Darwin enfatizaria suas características naturais em outro trecho da carta: “(...) *we went to Fernando Noronha, a small island where the Brazilians send their exiles. – The landing there was*

*attended with so much difficulty owing a heavy surf, that the Captain determined to sail the next day after arriving. – My one day on shore was exceedingly interesting, the whole island is one single wood so matted together creepers, that is very difficult to move out of beaten path. – I find the Nat: History of all these unfrequented spots most exceedingly interesting, especially the geology.*” (Burkhardt & Smith, 1989, p. 203).

Finalmente, em 28 de fevereiro, o Beagle aportou em Salvador, permitindo a Darwin exprimir no diário seus primeiros sentimentos sobre a natureza tropical do Brasil. “Delícia”, um termo que bem deve ter sido utilizado por outros viajantes para expressar as emoções por eles sentidas quando de suas passagens pela terra brasileira, era insuficiente para Darwin, pois segundo ele não retrataria os verdadeiros sentimentos de um naturalista quando de seu contato com uma floresta no Brasil.

Na carta a seu pai, remetida da cidade, Darwin teceu considerações sobre a notável flora tropical brasileira, ressaltando os coqueiros e seus frutos, as bananas e as laranjas, estas duas últimas que circundavam os vilarejos, em cenas que ele considerava indescritíveis. Mas não foram apenas elogios à natureza que Darwin registrou: na mesma carta, Darwin pintava um breve quadro das características da cidade: *“I arrived at this place on the 28<sup>th</sup> of Feb & am now writing this letter after having in real earnest strolled in the forests of the new world. – No person could imagine anything so beautiful as the ancient tow of Bahia; it is fairly embosomed in a luxuriant wood of beautiful trees. – & situated a steep bank overlooks the calm waters of the great bay of All Saints. – The houses are white & lofty, & from the windows being narrow and long have a very light & elegant appearance. Convents, porticos & public buildings vary the uniformity of the houses: the bay is scattered over with large ships. in short & what can be said more it is the one of the finest views in the Brazils.”* (Burkhardt & Smith, 1989, p. 203). É óbvio que Darwin referia-se à área do atual bairro do Pelourinho situada ao alto de uma das encostas da cidade e principal área central de Salvador, de onde se tem uma bela vista da baía de Todos os Santos. Augustus Earle, artista que acompanhava Darwin no Beagle, confeccionou a pintura que apresenta a cidade de Salvador à época com a baía de Todos os Santos ao fundo.

Cabe ressaltar o fato de que, apesar de tecer comentários sobre a escravidão em outros pontos de seu diário, Darwin não a mencionou quando de sua passagem por Salvador. Ao descrever a vida dos escravos no Rio de Janeiro, Karasch (2000) ressaltou a primeira impressão que teriam os viajantes sobre a natureza da população ao desembarcar: do transporte de bote à praia e até à chegada ao local de estadia, os visitantes estariam continuamente cercados pelos escravos negros, muitos com cicatrizes nos rostos. O elevado número de escravos na cidade se acentuaria no calor do meio-dia, momento em que os brancos sumiam das ruas. Situação semelhante deveria também ser frequente em outras cidades, como em Salvador. Entretanto, nenhuma menção foi feita por Darwin até esse momento, tanto em seu diário como em sua correspondência. Por outro lado, foi em Salvador que Darwin teve uma violenta discussão com Fitzroy a respeito da escravidão, o que quase levou Darwin a deixar o navio. Darwin era um forte opositor à escravidão, enquanto Fitzroy a defendia, em nome dos direitos de propriedade. Fitzroy tinha acabado “(...) de visitar um grande senhor que mandara chamar muitos de seus escravos e lhes perguntara se eles estavam satisfeitos ou se queriam ser libertados. Todos haviam respondido que não queriam a liberdade.” (Darwin, 2000, p. 63-64). Questionado com ironia por Darwin se achava que as respostas dos escravos tinham validade por terem que ser respondidas na frente de seu senhor, Fitzroy irritou-se por ter de defender sua posição em seu próprio navio e, com isto, teria explodido, dizendo que se Darwin duvidava de sua palavra, então nunca dormiria sob o mesmo *deck* com ele novamente. Pronto para deixar o navio, os oficiais da sala de armas teriam lhe pedido para se mudar de aposentos, ficando com eles. Fitzroy descarregou sua raiva em cima de outro infeliz oficial que por ali passava no momento errado e, após acalmar-se, desculpou-se com Darwin (Darwin, 2000).

Depois desse episódio, no dia 18 de março, partiu o Beagle de Salvador em direção ao Rio de Janeiro. Após breve passagem pelo arquipélago de Abrolhos, na altura da costa baiana, chegou à cidade em 3 de abril.

## 6 A Estadia no Rio de Janeiro

A vinda de viajantes estrangeiros de diversas nacionalidades ao Rio de Janeiro, franceses, alemães,

russos, italianos e ingleses, não era novidade na primeira metade do século XIX, particularmente depois da abertura dos portos em 1810. Os interesses eram os mais variados: comerciais, científicos e colonialistas, misturando-se a motivações de natureza teológica, moral e estética (Martins, 2001). A passagem inicial pelo Rio de Janeiro era praticamente obrigatória, dela dependendo para a obtenção de licenças e cartas de apresentação das autoridades (Leite, 1997). Incluíam-se aí também as grandes expedições científicas e, o Rio de Janeiro, apresentava-se ao naturalista com um interesse todo especial. Nessa primeira metade do século XIX passaram pela cidade os alemães Wilhelm Ludwig von Eschwege e Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen (engenheiros), Carl Friedrich Philipp von Martius (botânico) e Johan Baptist von Spix (zoólogo), os austríacos Johann Emanuel Pohl (mineralogista) e Ida Pfeiffer (geógrafa e zoóloga), os franceses Auguste de Saint-Hilaire (botânico), Alcides d'Orbigny e Francis Castelnau (naturalistas), e o prussiano Hermann Burmeister (naturalista). Entre os naturalistas britânicos encontram-se os botânicos Allan Cunningham e James Bowie, que aqui chegaram após o natal de 1814, John Forbes, em maio de 1822, o naturalista William Burchell, em julho de 1825, e Charles Darwin, em 1832 e 1836 (neste último ano em sua passagem por Recife, ao retornar à Inglaterra). Não era de se estranhar a predominância de naturalistas procedentes do Reino Unido, como resultado do poder comercial e industrial da Grã-Bretanha que assim promovia a dispersão de grande número de viajantes, incluindo os naturalistas (Leite, 1997).

O Beagle chegou ao Rio de Janeiro em 3 de abril (Martins, 2001) e, sob o comando do capitão Fitzroy, permaneceu fora da baía da Guanabara para nela entrar somente à luz do dia, com os tripulantes apreciando a paisagem (Figura 1), registrado na correspondência que Darwin dirigiu a sua irmã

Caroline datada de 6 de abril de 1832: *"We lay to during last night, as the Captain was determined we should see the harbor of Rio & be ourselves seen in board daylight. – The view is magnificent & will improve on acquaintance; it is at present rather too novel to behold Mountains as rugged as those of Wales, clothed in an evergreen vegetation, & the tops ornamented by the light form of the Palm."* (Burkhardt & Smith, 1989, p. 219).

Somente quando solicitado o Departamento Hidrográfico da Marinha Real Britânica se ocupava de levantamentos costeiros em outros países e, assim, muitas das cartas da cidade baseavam-se em levantamentos pré-existent e informações de navegadores britânicos. Apesar disso, uma carta de 1821 (Martins, 2001) permite ter uma visão da baía de Guanabara e de suas vizinhanças em uma época bem próxima à chegada de Darwin (Martins, 2001). Através da carta pode-se observar que a principal concentração urbana da cidade limitava-se às áreas circunvizinhas à atual praça XV, sítio portuário do Rio de Janeiro, e o campo de Santana, ilustrados inicialmente por Debret (1834-1839), e por Karasch (2000) em um mapa esquemático onde assinalou as principais construções e sua distribuição em 1831, ano anterior à chegada de Darwin.

Certamente antes de desembarcar, Darwin expressou sua primeira impressão sobre a baía e a cidade, na mesma correspondência endereçada à sua irmã Caroline: *"The city, gaudy with its towers & Cathedrals is situated at the base of these hills, & command a vast bay, studded with men of war the flags of which bespeak every nation."* (Burkhardt & Smith, 1989, p. 219). As montanhas citadas por Darwin impunham os limites físicos da cidade e certamente correspondiam, na área central, aos morros do Castelo e de Santo Antonio, por um lado, e da Conceição e do Livramento, por outro. Quanto às torres e catedrais por ele referenciados,



Figura 1 Vista da entrada da baía do Rio de Janeiro (segundo Debret, 1834-1839).



destacavam-se o mosteiro de São Bento, a velha igreja jesuítica de São Sebastião, ou Sé Velha, o convento de Santo Antônio e a igreja de São Francisco da Penitência, todos situados nos altos dos morros e, no centro, a igreja do Carmo e a Capela Real, assim como as igrejas da Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, da Santa Cruz dos Militares, de São José, da Candelária, de Nossa Senhora do Bonsucesso e de Santa Luzia, entre outras que aí se concentravam. Na baía, e particularmente nas proximidades do porto, ancoravam os navios de diversas nacionalidades, identificadas por Darwin através de suas bandeiras. Além das embarcações comerciais, encontravam-se as belonaves armadas e, inclusive, os navios negreiros. O cais, o Paço e a catedral do Rio de Janeiro também foram alvo de pinturas por Jean-Baptiste Debret (Figura 2) e Augustus Earle (Keynes, 2004).

Após desembarcar, do largo do Paço, situado em frente à baía, seguiu Darwin em direção à enseada de Botafogo, onde permaneceu em suas proximidades. Sobre sua estadia, referiu-se Darwin na correspondência à irmã Caroline: *“When I return I shall live in a cottage at the village of Botafogo: Earl & King will be my companions; I look forward to living there as an Elysium, - The house and garden is overwhelmed by flowers & is situated close to a retired lake, or rather loch, as it is connected with the sea, but landlocked by lofty hills. - I suppose we shall be here for 5 weeks: & then to Monte Video which will be my direction for a very long time.”* (Burkhardt & Smith, 1989, p. 221). Darwin estabeleceu-se, junto com Augustus Earle e Philip Gidley King, em uma pequena e “deliciosa” casa

nos fundos de um terreno cuja residência pertenceria a um Sr. Bolga e sua esposa, situada junto à encosta do Corcovado, segundo uma breve descrição no romance biográfico elaborado por Stone (1980) e ilustrada pelo pintor Conrad Martens quando de sua passagem pela cidade (Keynes, 2004).

A convite de um negociante irlandês estabelecido no Rio de Janeiro e dono de uma propriedade no rio Macaé, situado a 160 quilômetros ao norte do Rio de Janeiro, Darwin para lá partiu no dia 8 de abril, acompanhado de outras seis pessoas. Entre elas, encontrava-se um rapaz negro que servia como guia (Keynes, 2004), sobre o qual não há indicações de ser ou não escravo. É provável que não o fosse, face às concepções antiescravistas de Darwin, mas não se pode esquecer que era fato comum à época naturalistas utilizarem escravos em suas viagens, como foi ilustrado por Debret (1834-1839) na gravura “Regresso dos negros de um naturalista” (Figura 3). Entretanto, cabe ressaltar que Debret comentou que a utilização de escravos por naturalistas estrangeiros muitas vezes resultava, após o retorno de suas excursões ao interior, na concessão de sua liberdade como recompensa aos serviços prestados. A habilidade que adquiriam com a preparação dos animais e vegetais coletados os tornava úteis e procurados posteriormente para servirem de guias por outros estrangeiros. Quanto ao guia que acompanhou Darwin na excursão ao rio Macaé não existem, entretanto, indicações de que possuía tais habilidades.

Extasiado com a floresta e as belas borboletas e plantas que a compunham, foi ainda neste mesmo



Figura 2 Vista do largo do palácio do Rio de Janeiro (segundo Debret, 1834-1839).



Figura 3 Retorno dos negros de um naturalista (segundo Debret, 1834-1839).

dia que Darwin pode observar alguns efeitos da escravidão próximo à lagoa de Maricá. Em seu diário comentou a passagem no caminho para a lagoa de colinas onde teria existido um antigo quilombo, desmantelado pelas autoridades e cujos escravos foram de lá reconduzidos, provavelmente à cidade do Rio de Janeiro. Sobre o episódio, relatou o suicídio de uma velha escrava que não queria perder a sua liberdade e cujo ato foi considerado apenas como uma atitude errônea de uma pessoa ignorante: “(...) É notório este lugar, pelo fato de ter sido, durante muito tempo, o quilombo de alguns escravos fugidos que, cultivando pequeno terreno próximo à vertente, conseguiram suprir-se do necessário sustento. Mas foram, um dia, descobertos e reconduzidos dali por uma escolta de soldados. Uma velha escrava, no entanto, preferindo a morte à vida miserável que vivia, lançou-se do alto do morro, indo despedaçar-se contra as pedras da base. Se se tratasse de alguma matrona romana, esse gesto seria interpretado como nobilante amor à liberdade, mas, numa pobre negra, não passava de simples caturrice de bruto.” (Darwin, 1871, p. 7).

Darwin ficou aliviado, durante sua estadia no dia 13 de abril na fazenda do Sr. Manuel Figueiredo, na localidade de Sossego, por ver como os escravos eram tratados com bondade e revelavam-se felizes (Keynes, 2004). Em suas anotações relacionadas ao dia 14 de abril, porém, novamente Darwin comentou as atrocidades cometidas pela escravidão: “Durante a minha permanência na fazenda, por pouco não fui testemunha de um desses atos de atrocidade, somente presenciáveis numa terra de escravos. Por questões do processo jurídico, o proprietário esteve na iminência de tirar da companhia dos escravos todas as mulheres e crianças, e vende-las separadamente nos leilões do Rio. O interesse, e nenhum sentimento de compaixão, foi o que impediu a perpetração dessa desumanidade.” (Darwin, 1871, p. 9).

Apesar da atitude do Sr. Patrick Lennon ter lhe deixado uma péssima impressão, Darwin não o considerava uma pessoa desumana, refletindo sobre os estranhos e inexplicáveis hábitos dominantes e o interesse próprio sobre o comportamento humano (Keynes, 2004). Para Darwin, não havia limites à

cegueira do interesse e do egoísmo. Sobre o episódio, Keynes (2004) comentou que a questão seria arbitrada pelo Sr. Manuel Figueiredo, que a teria feito em favor dos escravos. Mas, segundo o mesmo autor, Darwin não registrou o resultado final.

Nas anotações do mesmo dia em seu diário, Darwin relatou outro episódio que muito o impressionou. Embora mais longo, o trecho merece ser transcrito para este texto por revelar de forma mais contundente o sentimento de Darwin com relação à escravidão: “(...) A seguinte ocorrência, que se passou comigo, impressionou-me muitíssimo mais intensamente de que qualquer história de crueldade que eu pudesse jamais ter ouvido. Aconteceu que, certo dia, atravessando um ferry em companhia de um negro que era excessivamente estúpido, a fim de ser compreendido, passei a falar alto e a gesticular. Devo, em algum momento, ter-lhe passado a mão próximo ao rosto, pois, julgando talvez que eu estivesse irado e fosse bate-lo, deixou penderem os braços, com a fisionomia transfigurada pelo terror, e os olhos semi-cerrados, na atitude de quem espera uma bofetada da qual não pretende esquivar-se. Nunca me hei de esquecer da vergonha, surpresa e repulsa que senti ao ver um homem tão musculoso ter medo até de apagar um golpe, num movimento instintivo. Este indivíduo tinha sido treinado a suportar degradação mais aviltante que a da escravidão do mais indefeso animal.” (Darwin, 1871, p. 9).

Apesar de constantemente reiterar as barbaridades da escravidão, trazendo-lhe sentimentos de desagrado com relação à sociedade brasileira, Darwin ficou intensamente encantado com a natureza tropical do país. Os relatos de suas observações sobre a flora e de suas coletas de componentes da fauna marcam os comentários restantes sobre o Rio de Janeiro tanto em seu diário como em suas cartas. Finalmente, às 9 horas da manhã de 5 de julho, Darwin partiu com o Beagle do porto do Rio de Janeiro com destino à Montevideu. Seus novos comentários sobre a escravidão brasileira, e talvez os mais amargos, somente seriam escritos quatro anos depois, quando de sua passagem por Recife, no seu retorno à Inglaterra.

## **7 A Breve Estadia no Retorno**

Retornando à Inglaterra, o comandante FitzRoy sentiu a necessidade de uma nova verificação

da distância meridiana que havia calculado anteriormente quando passou pelo litoral da Bahia. Lá chegou o Beagle em 1º de agosto de 1836 e, no dia 6 do mesmo mês, levantou âncora e partiu rumo a Cabo Verde. Ventos contrários impediram, entretanto, sua viagem e, uma semana depois, em 12 de agosto, aportava em Recife, onde Darwin então permaneceu por mais alguns dias. É desse período que vêm os comentários mais amargos de Darwin sobre a escravidão e a sociedade brasileira. Ao relatar uma passagem por Olinda, quando precisou cruzar hortas de algumas propriedades para suas observações sobre a natureza da região, Darwin teve sua passagem impedida pelos proprietários. Em seu diário, além de comentar a falta de civilidade local, comparando-a com a de um europeu, teceu a seguinte e amarga observação: “(...) Sinto-me feliz por ter isso acontecido na terra dos brasileiros, pois não sinto por eles nenhuma paixão – terra de escravidão e, portanto, de aviltamento moral.” (Darwin, 1871, p. 129).

Após suas costumeiras observações sobre a fauna local, Darwin encerrou seus comentários sobre o Brasil da forma mais amarga possível, no mais intenso sentimento negativo sobre a escravidão brasileira: “(...) No dia 19 de agosto deixamos finalmente as costas do Brasil. Dou graças a Deus, e espero nunca mais visitar um país de escravos. Até o dia de hoje, sempre que ouço um grito distante, lembro-me vivamente do momento doloroso que senti quando passei por uma casa no Recife. Ouvi os mais angustiosos gemidos, e não tinha dúvida nenhuma de que algum miserável escravo estava sendo torturado, entretanto, sentia-me tão impotente quanto uma criança, para até mesmo dar demonstrações. Julguei que os gemidos partiam de um escravo trucidado, pois disseram-me ser esse o caso, em outra ocasião. (...)” (Darwin, 1871, p. 129). Em seguida Darwin comentou a crueldade com que os escravos eram tratados, lembrando particularmente a sua passagem pelo Rio de Janeiro e revelando sua aversão a tais atos e à escravidão em geral. Em 2 de outubro, Darwin chegava finalmente à Inglaterra. Seu desejo de não mais visitar um país de escravos certamente foi atendido, e ao Brasil nunca mais retornou.

## **8 A Escravidão**

Existente desde a Antigüidade, a escravidão não desapareceu nos séculos seguintes durante a

Idade Média, assim permanecendo de forma residual por toda parte. Durante o século XIV e principalmente no século XV a escravidão acentuou-se no Ocidente em decorrência em grande parte da expansão ultramarina portuguesa (Faria & Vainfas, 2000). Segundo estes dois autores, tal aprofundamento do processo escravista foi estimulado pela legislação portuguesa no século XIV que autorizava o resgate dos “negros da Guiné”; com o apoio da Igreja (bula papal *Dum diversas*, de 1452), os portugueses adquiriam o direito de “atacar, conquistar e submeter pagãos e sarracenos, tomando seus bens e reduzindo-os à escravidão perpétua” (Faria & Vainfas, 2000, p. 205). Bulas subseqüentes teriam ratificado ou mesmo ampliado o poder dado aos portugueses, os quais podiam assim aprisionar homens no sentido de convertê-los à fé católica, escravizando-os e comercializando-os. Assim, a Igreja de certo modo apresentou uma franca tendência de apoio à escravidão embora desaprovasse as formas extremadas de apresamento; para ela, o cativo deveria ser condicionado à cristianização.

Na África, entretanto, a instituição da escravidão era anterior ao desembarque dos europeus, praticada pelos próprios povos africanos, não havendo como negar sua realidade; havia, entretanto, especificidades locais, como bem enfatizaram Del Priori & Venâncio (2004). De acordo com estes autores, na antiga África Atlântica, a escravidão era do tipo doméstico, também conhecida como “de linhagem” ou “de parentesco”. Os cativos eram principalmente prisioneiros de guerra, indivíduos endividados, criminosos, filhos ilegítimos e mulheres adúlteras ou acusadas de bruxaria, que por vezes eram integrados ao grupo familiar senhorial local. De qualquer forma, possibilitavam a ampliação da mão-de-obra familiar. Este tipo de escravidão, tradicional na África Atlântica, permaneceu por muito tempo e, graças a sua existência, facilitou o tráfico internacional de escravos que se seguiu com a chegada dos europeus. Sua característica, entretanto, sofreu uma mudança radical: de “doméstica”, a escravidão passou a ter cunho puramente comercial, fornecendo mão-de-obra para os trabalhos em minas e lavouras localizados no outro lado do Atlântico (Del Priori & Venâncio, 2004); sua dimensão, em termos numéricos, também se tornou gigantesca em relação à situação anterior.

Não foram apenas os portugueses que procederam ao tráfico de escravos africanos. Internamente, os árabes o realizavam com bastante

intensidade, como se pode ver ainda em meados do século XIX pelas anotações de David Livingston relatadas por Dugard (2004); internacionalmente, holandeses, ingleses, franceses, dinamarqueses e, posteriormente através de navios procedentes do Brasil e das colônias espanholas, praticavam livremente o tráfico (Del Priori & Venâncio, 2004). Apesar de aparentemente não adotarem o escravismo em seu território, os próprios ingleses o utilizaram nas Américas de forma intensiva e sistemática, iniciado com o ameríndio, seguido por presos políticos, religiosos e comuns, finalmente coroando no século XVII como promotores do tráfico de escravos africanos para suas colônias e as espanholas. Segundo Dugard (2004, p. 92), “a economia da Grã-Bretanha tornou-se tão dependente da escravidão, que alguns mapas da África ocidental foram divididos por produtos primários: Costa do Marfim, Costa do Ouro, Costa do Escravo”. Os lucros do tráfico negreiro trouxeram ótimos dividendos para o Reino Unido pois estavam “entre os principais responsáveis pelo rápido crescimento do capitalismo britânico” (Costa e Silva, 2003, p. 14).

Entretanto, as mudanças ocorridas no início do século XIX, com as novas estruturas econômicas adotadas pela Grã-Bretanha, entraram em choque com o sistema colonial até então existente. O aumento dos interesses britânicos se ampliava na Índia, particularmente em relação ao açúcar indiano, agindo como contraponto ao comércio do açúcar antilhano. Como resultado, do encorajamento ao tráfico negreiro passou-se a sua condenação e, a pressão para o seu término, principalmente no Atlântico, passou a ser cada vez maior. Segundo Costa e Silva (2003), se a Grã-Bretanha não permitia a chegada de escravos às suas colônias nas Antilhas, do mesmo modo não poderia permitir que os escravos continuassem a ser transportados para os portos brasileiros, impedindo desse modo o fluxo de mão-de-obra africana para a produção açucareira brasileira.

Outros fatores ideológicos se somavam “para dar ímpeto e entusiasmo à campanha contra o tráfico” (Costa e Silva, 2003, p. 15); entre eles destacava-se o sentimento humanitário que combatia a desigualdade criada pelo regime escravista, que passou a prevalecer na Grã-Bretanha. Ao mesmo tempo, considerando-se uma nação construída com base em Deus e na moralidade, com os políticos oportunamente alinhando-se ao crescente movimento evangélico cristão, finalmente, em 1834,

deu-se a abolição da escravidão em todas as colônias e protetorados britânicos (Dugard, 2004).

No Brasil, o escravismo começou quando do início do processo de colonização por volta de 1530 também com a utilização dos índios, então chamados como “negros da terra” ou “negros brasis”, como mão-de-obra (Faria & Vainfas, 2000). A partir do século XVII, entretanto, os índios foram substituídos pelos negros africanos, cujo tráfico levou a um número incalculável de cativos nas costas brasileiras, o qual pode ter alcançado cerca de dois milhões e meio de cativos no período compreendido entre 1550 a 1800 (Cardoso, 2000). Eram dois os grandes centros importadores de escravos: primeiro Salvador e, depois, o Rio de Janeiro. Importados inicialmente para as *plantations* do Nordeste, passaram a ser amplamente utilizados na exploração das minas de ouro no século XVIII e, já no século seguinte, principalmente nas lavouras de café do Rio de Janeiro. Segundo Florentino (1997, p. 27), apresentava as características principais para o comércio de escravos africanos, pois “ali se encontrava uma escravaria social e demograficamente disseminada, as *plantations* estavam em plena expansão, e inúmeros pequenos e médios estabelecimentos regionalizadamente se dedicavam à agricultura escravista de alimentos”.

A partir da chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808 e com a nova série de medidas tomadas por dom João VI, novos acordos foram firmados com a Inglaterra. Na esteira das ações anti-escravistas e de contenção do tráfico negreiro estabelecidas pela Inglaterra, através do Tratado de Aliança e Amizade firmado entre este país e Portugal, junto com o Tratado de Navegação e Comércio, de 1810, os portugueses se comprometiam a limitar o tráfico de escravos destinado aos seus territórios, bem como de tomar medidas para sua restrição. Posteriormente, após o Congresso de Viena em 1815, novo tratado foi assinado por Portugal, concordando com o fim do tráfico ao norte do equador e permitindo o direito da Inglaterra de visitar os navios que porventura fossem suspeitos, podendo ser apreendidos. As medidas, entretanto, não surtiram efeito, e o tráfico se tornou mais intenso no início de 1820 (Fausto, 2002). Foi nesse quadro de moralidade religiosa e de aversão pela escravidão agora composto pela Inglaterra, e de sua imposição a Portugal e ao Brasil pelo fim do tráfico negreiro, que Darwin chegou ao Rio de Janeiro em 1832, e é

sobre a realidade de suas observações que são feitos os breves comentários que se seguem.

## 9 Tipos de Escravos

Quando da chegada de Darwin ao Rio de Janeiro, a população cativa da cidade era composta por dois tipos de escravos: os africanos e os brasileiros, de acordo com seu local de nascimento. Os primeiros eram oriundos tanto da África Ocidental como Oriental e, em 1832, compunham cerca de três quartos da população escrava presente na cidade. Conhecidos como “negros”, recebiam nomes cristãos seguidos da nação de sua origem. Segundo Karasch (2000), eram sete as principais nações que com frequência apareciam nos “sobrenomes”: mina, cabinda, congo, angola (ou loanda), caçajante (ou angola), benguela e moçambique. Suas origens étnicas podiam ser reconhecidas pela presença de marcas ou cicatrizes que exibiam nos rostos e no corpo, ilustradas tanto por Rugendas como Debret. Para o segundo tipo, formado pelos escravos brasileiros, que em 1832 compunham cerca de 9,8% da população escrava, a cor era a sua nação. Deste modo, as nações brasileiras representadas eram compreendidas pela crioula (negro nascido no Brasil), a parda (definindo os mulatos) e a cabra (de difícil conotação e possivelmente representativa de um termo pejorativo para os escravos de raça mista). Suas origens mais comuns eram as províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

A chegada dos escravos ao Rio de Janeiro era dramática. Após serem desembarcados dos navios negreiros no porto do Rio de Janeiro, os escravos eram então encaminhados para armazéns no Valongo, os quais se constituíam em verdadeiros depósitos de escravos. De acordo com Karasch (2000), o Valongo constituía-se no maior mercado de venda de escravos do país, sendo com frequência visitado por viajantes, incluindo naturalistas, e artistas como Rugendas e Debret. Embora não haja registros de sua passagem pelo Valongo, a exemplo de outros viajantes, Augustus Earle, o artista da tripulação do Beagle, certamente o havia feito quando de sua passagem anterior pelo Rio de Janeiro, como pode se notar pelo mercado de escravos por ele retratado, sem data. Segundo Martins (2001), Earle viveu no Rio de Janeiro por quatro anos, familiarizando-se com a hierarquia social e racial existente entre senhores de escravos, traficantes, africanos recém-chegados e seus descendentes. Na ilustração, de acordo com a

autora, Earle teria utilizado de sarcasmo realçando o grotesco da cena através da aparente figura bufa do negociante. A mesma imagem foi posteriormente utilizada como base para uma gravura utilizada no frontispício do relato da viagem de Maria Graham, a mais conhecida das mulheres viajantes da primeira metade do século XIX com passagem pelo Brasil entre 1821 e 1824 (Martins, 2001).

A carência de observações de Darwin sobre o mercado de escravos possivelmente está relacionada à ilegalidade com que foi declarado o Valongo após 1830. Segundo Karasch (2000, p. 73), “antes de 1824, os navios negreiros entravam livremente no porto” do Rio de Janeiro e os cativos eram desembarcados no centro da cidade. Eram então levados para a alfândega, no distrito comercial, contados e, em seguida, conduzidos em grupos para o local de leilão. Não sendo vendidos, os escravos eram levados para casas onde poderiam ter a saúde restaurada e, assim, serem preparados para venda. Com a declaração da ilegalidade do tráfico de escravos em 1830, o Valongo veio a ser declarado ilegal em 7 de novembro de 1831. Após essa data seriam levados para barracões escondidos onde eram alimentados e vestidos antes de serem encaminhados às fazendas ou ao Rio de Janeiro. Mesmo quando alimentados, os viajantes consideravam as suas condições “aterroradoras”, já que nos locais onde se encontravam grassava o mau cheiro e doenças, com muitos dos cativos não resistindo e morrendo. Certamente teria sido esta a visão de Darwin, caso tivesse presenciado as condições com que se encontravam os cativos nos mercados de escravos.

A venda de escravos em leilões e a desumanidade por ela acarretada, porém, foi alvo das observações de Darwin. Deu-se particularmente quando de sua breve viagem à Macaé, quando o proprietário da fazenda onde se hospedava tinha a intenção de vender seus escravos. Por se tratar de membros de uma mesma família que terminariam separados definitivamente, a situação chocou Darwin profundamente, levando-o a considerar tal ato como desumano. Cabe ressaltar que a separação de membros de uma família era fato corriqueiro entre os negociantes de escravos, face ao processo de venda que executavam. Neste caso, nas “casas comerciais”, feitores os organizavam de forma geral de acordo com a idade, sexo e nacionalidade, sendo escolhidos pelos compradores de acordo com o seu interesse. O que realmente importava eram as qualidades e condições de saúde dos cativos. Assim, famílias que ali estivessem presentes eram separadas e certamente nunca mais seus membros se encontrariam.

Era tal a quantidade de escravos na cidade que era bem justa a frase com que Darwin designou o país, “terra de escravidão” (Darwin, 1871, p. 129). Mas, do transporte de bote à praia e deste ponto até à chegada ao local de estadia, os visitantes estariam continuamente cercados pelos escravos negros (Karasch, 2000). Darwin não se referiu a esta visão da população da cidade, mas esta imagem pode ser bem observada na ilustração de Debret (1834-1839) mostrando o transporte de carruagem no porto (Figura 4).

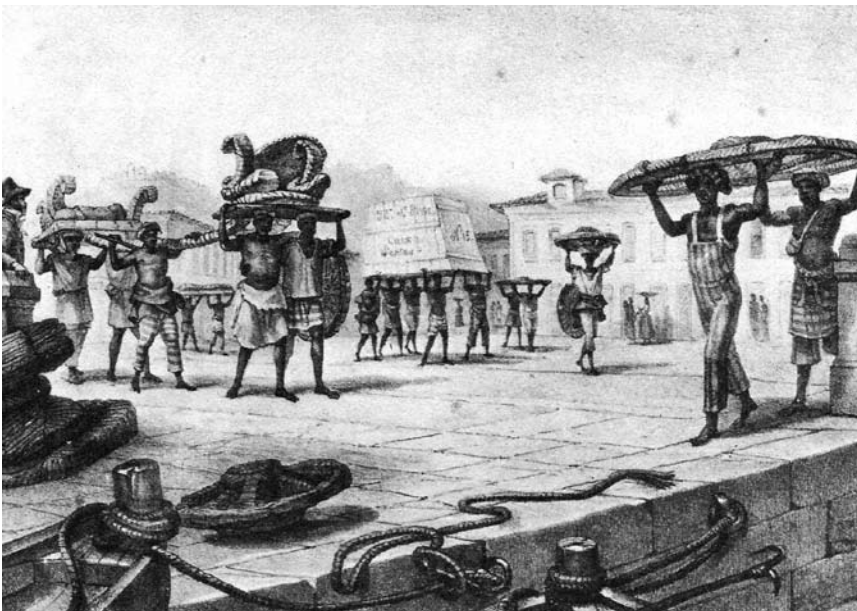


Figura 4 Transporte de carruagem no porto do Rio de Janeiro (segundo Debret, 1834-1839).

## 10 Sentimento e Dor

Se por um lado a situação dos cativos no mercado de escravos não foi assinalada por Darwin, os maus tratos por eles sofridos não lhe passaram despercebidos. A surpresa de Darwin ao ver um escravo assustar-se com uma de suas atitudes, demonstrando pavor ante a iminência de um castigo e sua submissão ao mesmo, levou-o a se sentir envergonhado e a condenar os maus tratos sofridos pelos cativos. Já em Recife, quando de seu retorno à Inglaterra em 1836, Darwin assinalava os gemidos angustiantes que partiam de uma residência, não tendo dúvidas sobre a tortura que um escravo estava sofrendo. Relembrando situações presenciadas no Rio de Janeiro, fica claro que os maus tratos e a crueldade com que eram tratados os escravos o chocavam profundamente: “(...) No Rio de Janeiro, morei em frente de uma velha senhora que possuía parafusos para comprimir os dedos de suas escravas. Estive numa casa onde um jovem mulato sofria, diariamente e a cada hora, aviltamentos, castigos e perseguições suficientes para despedaçar o espírito mesmo do animal mais desgraçado. Vi um menino de seis ou sete anos levar (antes que eu pudesse interferir) duas chicotadas na cabeça descoberta, por me haver dado um copo de água que não se achava bem limpo; vi seu pai tremer ao mero olhar do seu senhor. Essas crueldades, presenciei-as numa colônia de espanhóis, que, sempre se disse, tratam os escravos com mais benevolência do que os portugueses, ingleses ou outras nações européias. (...) Nem mesmo farei alusão às muito comovedoras barbaridades de que ouvi automaticamente falar – nem teria mencionado os revoltantes detalhes acima, se não tivesse encontrado tantas pessoas que, cegas

pela alegria constitucional do negro, falavam da escravidão como de um mal tolerável. Tais pessoas freqüentaram geralmente as casas das classes mais elevadas, onde os escravos domésticos recebem comumente bom tratamento: e nunca privaram, como eu, com as classes mais inferiores. Esses visitantes sempre dirigem perguntas aos escravos, sobre o trato que recebem; todavia esquecem-se de que somente um escravo muito idiota não recearia que a resposta chegasse aos ouvidos do senhor.” (Darwin, 1871, p. 129-130).

A primeira parte do texto de Darwin permite considerações sobre os maus tratos físicos sofridos pelos escravos. Segundo Karasch (2000), os senhores brasileiros não puniam ou açoitavam diretamente seus escravos, sendo suas esposas as responsáveis pela disciplina dos empregados domésticos e, assim, muitas tinham reputação de serem cruéis e brutais, como caso da velha senhora e os parafusos que utilizava em suas escravas. Quando muito, os senhores, tidos como bondosos, entregavam o escravo para punição em instalações públicas. Mas a despeito dos instrumentos utilizados pela velha senhora, Karasch comentou que os instrumentos mais comuns de punição tanto em lares como em oficinas e fábricas eram o chicote de couro e a palmatória. Os castigos com um ou outro instrumento poderiam ser dados quando os escravos cometiam infrações durante o dia de trabalho (representado pela ilustração dos sapateiros escravos de Debret, 1834-1839; Figura 5) ou no castigo de todas as noites. Somente a ação de vizinhos possibilitava por vezes diminuir o sofrimento dos escravos nos castigos noturnos.

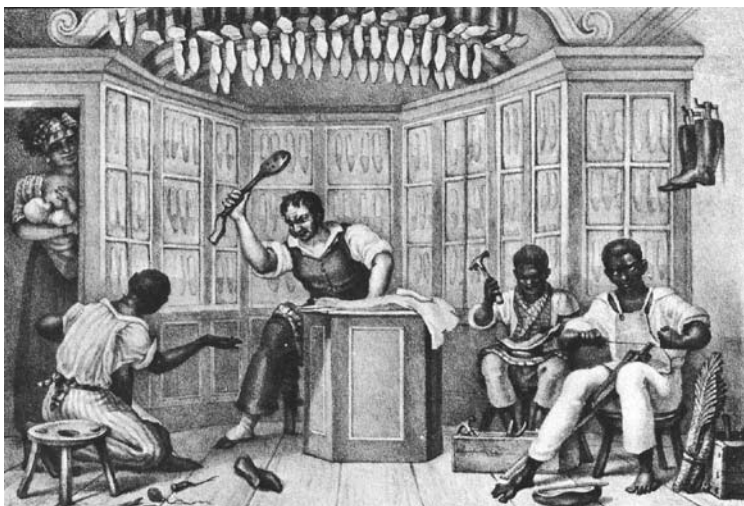


Figura 5 Sapateiros escravos (segundo Debret, 1834-1839).

A mínima infração cometida era o motivo de uma punição, como a observada por Darwin com o menino que lhe serviu a água: o medo da punição era a forma mais comum e poderosa de controle dos escravos (Karasch, 2000). O senhor ou senhora que não a adotava não a faziam necessariamente por eficiência de seus escravos, mas pelo medo que estes tinham dos instrumentos que eram utilizados na punição. O pavor do castigo era uma situação freqüente entre os cativos.

Além do uso do chicote e da palmatória, muitos outros eram os castigos que poderiam ser utilizados nos escravos, os quais poderiam ser utilizados para seu controle, relacionados por Karasch (2000, p. 174): (1) chibatadas em praça pública ou no temível calabouço, (2) abandono numa masmorra, (3) visita ao domador de escravos refratários, (4) aprisionamento com ferros nas pernas, máscara de ferro ou tronco, (5) diversas formas de humilhação e torturas públicas, (6) castração, desmembração, enforcamento, (7) venda fora da cidade ou para a África e, por último, (8) assassinato. Algumas dessas punições foram retratadas por Debret (1834-1839).

As palavras de Darwin levam também a outras considerações sobre a abordagem de Karasch (2000) relacionada ao tratamento dos escravos e a forma como o mesmo era visto pelos viajantes.

Segundo a autora, muitos viajantes consideravam que os escravos brasileiros eram bem tratados por seus senhores, comparando com o tratamento dado em outras nações. Não foi, de certa forma, esta a afirmação de Darwin, embora também tenha condenado o tratamento dado para os escravos por ingleses (quem diria) e outros europeus, sem os discriminar. Mas idéia de que os escravos do Rio de Janeiro eram tratados com mais humanidade e menos preconceito do que em qualquer outra parte do mundo, como afirmado por Scherzer (1857, *apud* Karasch, 2000), não é compartilhada por Darwin. Ao contrário da idéia do senhor bondoso, com escravos felizes, transmitindo uma imagem positiva do tratamento dos escravos, Darwin assinalou o medo que estes tinham de expressar o sentimento que possuíam quanto à sua condição de cativo.

## 11 Almejando a Liberdade

O desejo da liberdade e de se livrar dos maus tratos que tanto sofriam podiam levar os cativos à fuga ou, no caso da impossibilidade desta, até mesmo ao suicídio. Este último caso foi o que registrou Darwin ao relatar o caso da escrava que, ao ter seu quilombo descoberto pela polícia, atirou-se do alto do morro onde se encontrava.



Figura 6 A fazenda onde teria se hospedado Darwin em Maricá, tendo ao fundo a escarpa de “granito” (Foto de Antonio C. S. Fernandes)



Os quilombos eram as colônias, acampamentos ou vilas onde se reuniam os escravos fugitivos, ficando então conhecidos como quilombolas ou calhambolas. Apesar de perigosos para os próprios fugitivos, numerosos deles para lá se dirigiam nas cercanias da cidade. Seus componentes eram predominantemente homens negros africanos, mas poderiam ainda conter diversos outros tipos de indivíduos como “desertores dos serviços militares, ex-soldados e ex-marinheiros, homens livres criminosos e vagabundos, libertos e índios” (Karasch, 2000, p. 409). Frequentemente combatidos pela polícia, quando descobertos os quilombolas aprisionados eram conduzidos à cidade para a devida punição. Ao final da década de 1820 o principal castigo eram trezentas ou mais chibatadas e, caso o quilombola sobrevivesse, teria como destino a prisão nas galés. Talvez tenha sido este o fim dos escravos aprisionados no quilombo próximo ao local de passagem de Darwin quando se dirigia à Macaé, em 1832. Karasch (2000) mencionou o quilombo citado por Darwin. Fora da vizinhança do Rio de Janeiro, a ocorrência de quilombos era muito maior e, entre as localidades destacadas onde os mesmos ocorriam, citam-se Iguaçú, São João do Meriti, Pilar, Macaé e Maricá. É desta última localidade o quilombo visitado por Darwin, o qual se situava perto de um lago e cuja escarpa de granito ajudava a proteger os fugitivos (Figura 6). Sua destruição pela polícia teria se dado por volta de 1826 e, a velha escrava suicida teria sido única vítima fatal, tendo sido todos os outros capturados. Sua ação, nas palavras de Darwin, mostraram-lhe o “nobre amor pela liberdade”.

## 12 Conclusão

Os aspectos que mais impressionaram Charles Darwin nas duas vezes em que pisou em terras brasileiras foram dois. O primeiro, a beleza e a riqueza de nossas florestas, com sua vegetação exuberante e uma fauna rica e variada. Sobre a nossa natureza, não economizou elogios e exaltações. Mas, o segundo, a escravidão, tão enraizada na sociedade brasileira, somente resultou em manifestações de vergonha, sentimento de tristeza e dor, e um sentimento de aversão pela nação que tanto elogiou pelas suas belezas naturais.

As relações entre senhores e cativos, as condições de penúria da população escrava e o seu tratamento coisificado num comércio odioso e vil, a

ponto de promover a separação de membros de uma mesma família, a visão do medo constante estampado nos rostos e atitudes dos escravos face aos contínuos maus tratos que sofriam diariamente, foram todos acontecimentos que o chocaram profundamente.

Com uma educação religiosa e influenciado pelo teor de moralidade que invadia a Inglaterra no período, revoltou-lhe o grau de crueldade da escravidão. Em seu diário não culpou somente os portugueses e brasileiros pela situação com que teve que conviver. Culpou também os próprios ingleses, mas com o consolo de que sua reflexão levou-lhes a um maior sacrifício a fim de expiar por seu pecado. Selles & Abreu (2002, p. 17), entretanto, ressaltaram a diferença entre o jovem naturalista de 1832, “sensível aos problemas dos humildes escravos” e o Darwin das décadas de 1870 e 1880 que admitia a diferença nos conceitos de raças superiores e inferiores. Apesar disso, não se pode deixar de admitir a continuidade da sensibilidade de sua juventude e sentimento sobre a situação da escravidão no Brasil.

Em 1882, Charles Darwin falecia em sua residência na Inglaterra. Em 13 de maio de 1888, era assinada a Lei Áurea, abolindo a escravidão no Brasil. Cinquenta e dois anos após a última passagem de Darwin pelas costas brasileiras e seis anos após a sua morte. O Brasil deixava de ser uma “terra de escravidão”. Mas, o retorno, era agora impossível.

## 13 Agradecimentos

Aos professores Muza Clara Chaves Velasques e Valeriano Alcoé (Universidade Veiga de Almeida) pelas críticas, sugestões e colaboração técnica, fundamentais no desenvolvimento deste trabalho. Ao professor Paulo Sérgio Miranda, Coordenador do Curso de História da Universidade Veiga de Almeida, pelo estímulo decisivo para a elaboração do tema abordado. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo apoio financeiro.

## 14 Referências

Bresciani, M.S.M. 1982. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 127 p.

- Burkhardt, F. & Smith, S. (ed.). 1989. *The correspondence of Charles Darwin*. Cambridge, Cambridge University Press, v. 1 (1821-1836), 702 p.
- Campbell, J. 1997. *In Darwin's wake: revisiting Beagle's South American anchorages*. Dobbs Ferry, Sheridan House, 271 p.
- Cardoso, C. F. S. 2000. O trabalho na Colônia. In: LINHARES, M.Y. (org.) *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro, Campus, p. 95-110.
- Costa e Silva, A. 2003. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira & Ed. UFRJ, 287 p.
- Darwin, C. 1871. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*. São Paulo, Abril Cultural, 135 p.
- Darwin, C. 2000. *Autobiografia. 1809-1882*. Rio de Janeiro, Contraponto, 127 p.
- Debret, J.-B. 1834-1839. *Voyage Pittoresque et Historique Au Bresil*. Paris, Firmin Didot Freres, 3 vol.
- Del Priori, M. & Venâncio, R. P. 2004. *Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica*. Rio de Janeiro, Elsevier, 187 p.
- Dugard, M. 2005. *No coração da África: as aventuras épicas de Livingstone e Stanley*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Record, 431 p.
- Faria, S. C. & Vainfas, R. 2000. Escravidão. In: VAINFAS, R. (ed.) *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro, Objetiva, p. 205-209.
- Fausto, B. 2002. *História do Brasil*. 10. ed., São Paulo, Editora da USP, 660 p.
- Florentino, M. 1997. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 305 p.
- Hallam, A. 1992. *Great Geological Controversies*. New York, Oxford University Press, 244 p.
- Karasch, M. C. 2000. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo, Companhia das Letras, 643 p.
- Keynes, R. 2004. *Aventuras e descobertas de Darwin a bordo do Beagle*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 390 p.
- Leite, M. L. M. 1997. *Livros de Viagem: 1803/1900*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 263 p.
- Martins, L. L. 2001. *O Rio de Janeiro dos viajantes. O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 207 p.
- Rudwick, M. J. S. 1985. *The Meaning of Fossils*. Chicago, The University of Chicago Press, 287 p.
- Selles, S. E. & Abreu, M. 2002. Darwin na Serra da Tiririca: caminhos entrecruzados entre a Biologia e a História. *Revista Brasileira de Educação*, (20): 5-22.
- Stone, I. 1980. *A origem: romance biográfico de Charles Darwin*. Rio de Janeiro, Record, 813 p.